

CENTRALIDADES, PAPÉIS URBANOS E PARTICULARIDADES DAS CIDADES PEQUENAS DO OESTE DE SANTA CATARINA

Bruna Natali de Castro Keschner
Universidade Federal da Fronteira Sul
bruna.keschner@gmail.com

João Henrique Zoehler Lemos
Universidade Federal da Fronteira Sul
joao.zoehler@gmail.com

Eixo 07: Ciências Humanas

Resumo: Partindo-se da ciência geográfica, os debates sobre o fenômeno urbano e o processo de urbanização, este trabalho tem como plano empírico central as cidades pequenas da região Oeste de Santa Catarina. A partir de notas de pesquisa e considerações gerais sobre a região e dois centros urbanos escolhidos, o foco do trabalho é enfatizar o papel dessas cidades na relação com as suas hinterlândias. Isto é, suas interações com as cidades menos complexas situadas no entorno ou, ainda, as áreas rurais que dependem de tais locais para a provisão de serviços públicos e equipamentos de interesse coletivo. A centralidade torna-se o elemento geográfico central para as reflexões expostas, organizadas a partir de leituras de bibliografia teórica e temática, bem como trabalhos de campo em momentos diversos. Conclui-se que apesar de menores níveis de complexidade, as cidades pequenas cumprem um papel importante na rede urbana catarinense, bem como na região Oeste do estado, contexto formado por mais de uma centena de pequenos núcleos urbanos.

Palavras-chave: Centralidade, cidade pequena, centro local.

Introdução

Para iniciar esse debate, é necessário, de maneira breve, caracterizarmos a região em que o estudo se enquadra. Isso se faz necessário pela certa peculiaridade em que se apresenta, afinal, a região Oeste de Santa Catarina. Considerando-se a Região Geográfica Intermediária (RGINT) de Chapecó, recorte territorial proposto pelo IBGE, há um total de 109 cidades. Essa densidade é elevada, cujo conteúdo geográfico é uma diversidade de níveis de centralidade entre tais centros urbanos.

O estado de Santa Catarina tem uma rede urbana que se diferencia dos demais estados brasileiros, pois não tem um centro urbano com grande papel centralizador, fazendo com que

as atividades se dispersem por um conjunto de cidades de funções regionais que, por conseguinte, desempenham atividades importantes para os centros menos complexos que estão situados em suas áreas próximas. Tal dinâmica é reproduzida em escalas diferenciadas, a exemplo das próprias relações que as cidades pequenas mantêm com centros urbanos ainda menores e menos centrais localizados em suas imediações.

A Região Intermediária apontada, como o nome preliminarmente indica, insere-se na área de influência da cidade média de Chapecó, importante elo da rede urbana na região Sul do Brasil, centro urbano incluído no conjunto das 48 cidades mais influentes e complexas da hierarquia urbana brasileira (IBGE, 2020). Enquanto plano empírico favorável aos estudos em Geografia, a intensidade dos seus desenvolvimentos cresceu nos últimos anos, momentos em que houve o incremento dos investimentos em ensino superior nesse contexto regional.

Num cenário constituído por um amplo horizonte de pesquisas que podem ser desenvolvidas, os contextos das cidades pequenas chamam a atenção. Aqui, elas são entendidas enquanto centros urbanos de papéis menos complexos na rede urbana, com níveis de centralidade relevantes para suas regiões próximas e localidades rurais, servindo de base para a difusão de serviços essenciais no território e, portanto, com um papel importante numa cidadania de perspectiva geográfica.

Neste trabalho intencionamos dar visibilidade às cidades pequenas e seus papéis, embora mais tímidos, mas importantes na rede urbana catarinense e, principalmente, para os cidadãos que nelas habitam. Faremos isso por meio dois momentos: no primeiro, a atenção estará centrada na formação e no desenvolvimento desses centros urbanos menos complexos do contexto regional em questão – o Oeste de Santa Catarina; no segundo momento, trataremos uma abordagem sobre as funções urbanas centrais que duas cidades pequenas exercem em seus diferentes contextos, com o intuito de se evidenciar as particularidades e características mais marcantes de tais lugares. Por fim, o último item traz as principais conclusões obtidas por intermédio deste estudo e apontamentos sobre possíveis investigações futuras.

Oeste Catarinense e cidades pequenas: formação do contexto regional

A atual dinamização dos centros urbanos na região localizada no Oeste do estado catarinense remete à sua formação socioespacial, sendo essa o “resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares” (SANTOS, 2012, p. 28), hoje concretizado em uma

densa e complexa rede de cidades. Nas palavras de Corrêa (2015, p. 280), sobre as cidades, ressalta-se a relevância da permanência de formas espaciais pretéritas, “dotadas de grande fixidez e, por isso mesmo, apresentando uma relativamente grande capacidade de refuncionalização”. Nessa lógica de refuncionalização, considerando as atividades produtivas e suas metamorfoses, está a produção vinculada ao campo, que constitui o circuito produtivo agroindustrial, elemento dinamizador da economia da região (ALBA, 2002).

A região Oeste Catarinense, mais precisamente constituída pela Região Geográfica Intermediária de Chapecó, é formada por 109 municípios cujas cidades são, majoritariamente, pequenas e com funções urbanas menos complexas. Chapecó, cidade média de papéis relevantes a nível nacional, exerce ampla influência sobre esses centros. Trata-se de um resultado mais geral da própria formação regional, ligada ao projeto de reapropriação do território – “colonização” – proposto a partir do período do Estado Novo, pelo governo do estado, para evitar possíveis processo de litígio desse território. Apesar das populações que ali viviam, composta por nativos e caboclos, e da região já ser conhecida como uma importante parada no caminho dos tropeiros sulistas a caminho de São Paulo, tratava-se de uma área ainda vista como um “vazio demográfico” (ALBA, 2002; GRETZLER, 2011).

Ao passo que esse território foi incorporado, constituíram-se apenas dois municípios, que foram fracionados politicamente com o passar do tempo. Eram os casos de Chapecó e Joaçaba, cujas cidades eram rodeadas por amplas áreas de uso predominantemente agrícola. Depois disso, em cada núcleo populacional, os municípios apontados passaram por emancipações, fazendo com que os territórios municipais da região ficassem cada vez menores, e as respectivas cidades de menor complexidade fossem multiplicadas.

Considerando-se a época da emancipação, em 1917, e as transformações do território brasileiro desde meados da década de 1950, era dado um grande enfoque ao centro urbano chapecoense, conferindo-lhe elevado nível de centralidade. Dele foram constituídas várias novas cidades, originalmente conformadas enquanto centralidades para os povoados rurais da região. Nesse plano inserem-se as cidades de Caxambu do Sul e Maravilha, lugares do urbano que exprimem numerosas diferenças entre si e que, todavia, mantêm aspectos de centralidade nas suas funções. Tão logo foram emancipados, esses municípios foram equipados de modo a concentrar atividades econômicas, de serviços e, por conseguinte, de controle político do território. A cidade de Maravilha foi oficialmente instalada em 1958, ação que ocorreu no ano

de 1962 em Caxambu do Sul. Portanto, são formações urbanas antigas diante do contexto regional, pois trata-se de um contexto de reocupação que só há pouco chegou aos cem anos.

As cidades pequenas: o urbano e a centralidade

Dos 109 municípios da Região Geográfica Intermediária de Chapecó, que inclui boa parte do histórico Oeste Catarinense – no sentido de sua acepção simbólica, ligada também à posição geográfica no estado catarinense – foram escolhidos dois deles, conforme já apontado. Maravilha, enquanto Centro de Zona A, tem uma estimativa populacional de 26,1 mil habitantes para 2020; Caxambu do Sul, por sua vez, recebe a classificação de Centro Local no estudo do IBGE (2020) e tem uma população estimada de 3,5 mil habitantes para o mesmo ano. São, portanto, distintas cidades que reproduzem níveis de centralidade também plurais, que reproduzem as heranças geográficas de suas próprias formações.

O modo de vida urbano permeia a vida das sociedades contemporâneas em todos os aspectos. Cada vez mais a centralidade produzida pelos centros urbanos impacta diretamente na forma com que se vive, inclusive em áreas rurais. Isso não significa que a ruralidade, ou o modo de vida rural desapareceu, mas, sobretudo, se transformou e segue se transformando, mesclando suas características com a urbanidade.

Contudo, essa mescla de urbanidade e ruralidade não é algo que pode ser facilmente visto em metrópoles ou grandes cidades, com possíveis resquícios nas periferias das cidades médias; o plano empírico amplamente favorável para essa observação é o das pequenas cidades e centros locais.

Se formos classificar de acordo com o porte, as cidades pequenas constituem um conjunto de cidades com população inferior a 100 mil habitantes, contudo não podemos classificar as cidades pequenas apenas com base quantitativa, já que seu papel na rede urbana local é influenciado por suas particularidades que as diferenciam, mesmo se todas apresentarem um “tamanho” populacional pequeno (FRESCA, 2010).

Centros locais estão no patamar mais baixo de complexidade dos centros urbanos, o papel deles é sanar necessidades vitais e básicas de uma população local, limitada aos limites municipais (SANTOS, 1982). A pequena cidade ou cidade pequena é mais complexa do que o centro local, contudo, sua complexidade não chega a fazer dela uma cidade intermediária

(FRESCA, 2010). Geralmente, a pequena cidade vai sanar as necessidades de sua população, e necessidades um pouco mais complexas dos centros locais da região onde se localiza.

Essa divisão ainda não pode ser balizada pelo tamanho da população, uma vez que essa complexidade é diretamente influenciada pelo contexto urbano-regional em que essa cidade se insere. Maravilha é um centro urbano que abarca atividades industriais em meio às ruralidades do seu entorno, marcado por propriedades rurais de menor porte. Essa divisão fundiária, que reproduz um modelo produtivo calcado na pequena produção mercantil inicial, está mantida numa estreita rede geográfica de interações com o modelo urbano-industrial contemporâneo, em função do circuito produtivo agroindustrial do estado (ALBA, 2002). Isso dá um conteúdo particular à cidade maravilhense, que mesmo sob menores complexidades, reproduz à sua maneira processos mais amplos. Outro componente de sua situação geográfica é o papel de ter uma série de serviços – de saúde, ensino superior e órgãos públicos – em seu território, de suma importância para os centros locais do entorno imediato.

Ainda sobre as cidades analisadas, Caxambu do Sul pode ser considerada como um centro urbano menos complexo. É um lugar com pequeno número de habitantes, mas sua baixa complexidade está diretamente ligada à proximidade com a cidade de Chapecó, que é a cidade média que polariza todos os serviços mais complexos do Oeste Catarinense. Mesmo com a redução nos níveis de centralidade, especialmente desde o final do século passado, em razão de várias emancipações político-administrativas, ainda está inserida numa situação geográfica particular para várias localidades rurais, situadas na fronteira com o estado sul-riograndense.

Considerações Finais

Considerando o grande número de cidades pequenas e centros locais existentes no Brasil, é fundamental para o desenvolvimento nacional que essas cidades tenham maior relevância no quadro de pesquisas urbanas. Diante do contexto catarinense, um estado sem papéis metropolitanos tão complexos atribuídos à sua capital, com centros urbanos bem distribuídos e pela grande quantidade de cidades com populações reduzidas, a atenção para as funções e as centralidades desempenhadas pelas cidades pequenas torna-se importante. Quando o marco dos 100 mil habitantes é apontado, é válida também a ressalva de que se considerarmos as 295 cidades catarinenses, 282 estão em faixas quantitativas inferiores a essa;

outras 166 estão situadas no grupo que não atinge os 10 mil habitantes e, dessas, 105 não possuem 5 mil pessoas residentes – conforme estimativa para 2020.

A centralidade é uma característica fundamental do urbano, a exemplo do que clássicos como Lefebvre (2016) e Santos (1982) apontaram. Isso revela, entre outras tantas coisas, que a urbanização se estende por lugares que cumprem diferentes papéis na vida de relações do território. E os menores escalões da urbanização brasileira (FRESCA, 2010) exercem essas tarefas menos densas e especializadas. O urbano, inclusive, não pode ser visto apenas numa perspectiva formal, do espaço qualificado enquanto sede urbana municipal – a cidade –, mas, sobretudo, pela articulação da dimensão concreta das formas geográficas e, enquanto dimensão intangível, das próprias relações sociais que animam tal território.

Ao entender e apontar as diferenças que existem entre as cidades de pequeno porte, entramos num princípio de compreensão de como se comporta a rede urbana brasileira em sua integridade. Desse plano, pode-se partir para escalas mais amplas do processo de urbanização, atingindo até mesmo estudos comparados entre diferentes cidades e realidades regionais. Num recorte mais restrito, limitado à Região de Chapecó apontada aqui, coexistem distintas formações urbanas que, na condição de produto central, concretizam-se em cidades pequenas de papéis variados.

Referências

ALBA, R. S. *Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó*. Chapecó: Argos, 2002.

CORRÊA, R. L. *Estudos sobre a rede urbana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2015.

FRESCA, T. M. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. *Mercator*, Fortaleza, v. 9, n. 20, p. 75-81, set./dez., 2010.

GRETZLER, C. *Chapecó (SC), para além de polo regional, uma cidade média no Oeste Catarinense*. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Regiões de influência das cidades 2018*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LEFEBVRE, H. *Espaço e política: o direito à cidade II*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016.

SANTOS, M. *Espaço e sociedade: ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2012.